



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 126-151

Suicídio Indígena: uma revisão de literatura
Indigenous Suicide: a literature review

Gercy de Lima Costa

Marcelo Calegare

Resumo

O fenômeno do suicídio indígena ainda é uma incógnita à ciência, aos profissionais que lidam com esse público e à saúde pública. Algumas explicações em múltiplos níveis têm sido dadas, envolvendo não apenas a dimensão pessoal ou familiar, mas também a comunitária, os valores culturais e a cosmologia das próprias culturas indígenas. Apesar disso, ainda são necessárias muitas respostas para explicar a elevada taxa de suicídio indígena em comparação com a do restante da população e, por outro lado, desenvolver estratégias para reverter esse quadro. Temos por objetivo apresentar uma revisão sistemática da literatura existente sobre o suicídio indígena, ressaltando divergências e pontos em comum, a fim de produzir uma análise coerente sobre a temática. Utilizamos artigos coletados por meio das plataformas Lilacs, Periódicos Capes, Scielo e Science (n=1017). Iniciamos selecionando as terminologias mais utilizadas para a busca dos artigos e, uma vez feitas as buscas, utilizamos como critério de exclusão filtros (revisado por pares, últimos 10 anos, em português) e leitura do título e resumo. E como critério de inclusão a afinidade do texto com nossa temática, resultando em 20 artigos. Com base na leitura desses artigos foi possível concluir que 6 fatores são recorrentes explicações para o suicídio indígena: proximidade com a cultura ocidental, conflitos territoriais e as ti, uso de álcool e outras substâncias, qualidade de vida indígena, expectativas de futuro melhor, questões de gênero. Concluimos que é possível pensar que o que move a problemática é a falta de condições de vida adequada, que respeitem a subjetividade desse povo sem invisibilizá-los.

Palavras-Chave: indígena, cultura, suicídio, saúde mental.

Abstract

The phenomenon of indigenous suicide is still unknown to science, to professionals who deal with this public and to public health. Some multilevel explanations have been given, involving not only the personal or family dimension, but also the community one, cultural values and the



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

cosmology of indigenous cultures themselves. Despite this, many answers are still needed to explain the high rate of indigenous suicide compared to the rest of the population and, on the other hand, to develop strategies to reverse this situation. We aim to present a systematic review of the existing literature on indigenous suicide, highlighting differences and commonalities, to produce a coherent analysis on the subject. We used articles collected through the platforms Lilacs, Periodicals Capes, Scielo and Science (n=1017). We started by selecting the most used terminologies to search for articles and, once the searches were done, we used filters (peer-reviewed, last 10 years, in Portuguese) as exclusion criteria and reading the title and abstract. And as inclusion criteria, the affinity of the text with our theme, resulting in 20 articles. Based on the reading of these articles, it was possible to conclude that 6 factors are recurrent explanations for indigenous suicide: proximity to western culture, territorial conflicts and the IT, use of alcohol and other substances, indigenous quality of life, expectations of a better future, of gender. We conclude that it is possible to think that what drives the problem is the lack of adequate living conditions, which respect the subjectivity of this people without making them invisible.

Keywords: indigenous, culture, suicide, mental health.

O suicídio indígena ainda é um fenômeno irresoluto. Apesar de vastas teorizações por pesquisadores da área, ainda é considerado um grande problema de saúde pública, que atinge não somente o Brasil como o mundo todo (Souza, 2019). Segundo o Ministério da Saúde, com números quase três vezes maiores que a média nacional o suicídio entre os povos indígenas ocorre de maneira não generalizada, pois seus maiores índices se dão em comunidades e etnias específicas (Brasil, 2017). Considerado um fenômeno complexo, o suicídio provém de inúmeros fatores que geram o sofrimento psíquico. Quando as taxas se mostram muito altas, isso pode refletir uma condição coletiva de vulnerabilidade, que possibilita o comportamento autodestrutivo.

Conforme dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), o sexo masculino é o mais acometido pelo suicídio indígena: do total de 133 suicídios contabilizados, 103 representavam o sexo masculino (Conselho Indigenista Missionário [CIMI], 2019). Os métodos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mais utilizados são estrangulamento, autointoxicação e lesões autoprovocadas, tendo como faixa etária de maior ocorrência dos 10-19 anos. Excepcionalmente nos estados Mato Grosso do Sul e Amazonas, onde o fenômeno atinge majoritariamente crianças e jovens, contabilizou-se em alguns municípios 100% dos casos dentro desta faixa etária (CIMI, 2016).

No município de Tabatinga-AM, o suicídio indígena reflete essa realidade, sendo um tema difícil para estudos. Os registros da população apresentam ausência de dados para antes da década de 1990, fazendo com que uma comparação sistemática dos índices de suicídio a longo prazo não seja possível. Além disso, o fenômeno ganhou grande visibilidade no Alto Solimões pouco tempo depois de uma mudança significativa do sistema de atendimento à saúde indígena, que deu início efetivo à contabilização desses casos, fazendo surgir a incerteza de se tratar de uma epidemia de suicídios ou uma maior eficácia na notificação dessas ocorrências. Em 1993/1997, constatou-se uma estabilidade desses números, o que descartou a tese da epidemia (Erthal, 1998).

Nessa época, o suicídio entre jovens da etnia Ticuna de 10 a 15 anos era preponderante. Como justificativa maior, as notícias associavam o fenômeno às regras de casamento tradicional imposta pela sua cultura, consideradas assim defasadas, que ao contrariar e limitar o desejo amoroso desses jovens, os levavam ao suicídio. A ideia de causalidade da inadaptação da sociedade indígena em contato com a nossa também ganhou força (Erthal, 1998). Pensar o “ser indígena” inserido em nossa cultura nos traz a conceito de limites entre uma cultura e outra, onde há a ideia de que o isolamento dos povos indígenas seja o mais adequado para que possam continuar suas tradições e se reproduzam sem nossa interferência. Entretanto, com a globalização a troca de elementos entre as culturas acontece com muito mais velocidade e ignoramos, assim, o fato de que a nossa própria cultura é



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

totalmente moldável e diversos elementos são agregados do seu contato com as outras (Cohn, 2001).

No Amazonas, entre os anos de 2006 e 2010, as taxas ajustadas de mortalidade por suicídio indígena colhidas no DATASUS foram de 28,2/100 mil em homens e 8,6/100 mil em mulheres, enquanto em não indígenas foi contabilizado 8,8/100 mil em homens e 1,3/100 mil em mulheres. Durante este período, a faixa etária predominante de casos entre a população indígena foi de 15-24 anos, enquanto nos não indígenas a idade foi de 60 anos ou mais. Dentre a população indígena jovem desta faixa etária, a principal causa de morte durante o período de 2006-2010 se deu por suicídio, enquanto a principal causa de morte da população jovem não indígena foi homicídio. Parte expressivas destes casos se deram em Tabatinga e São Gabriel da Cachoeira, locais onde é bem evidente a comportamento desigual das taxas de suicídio entre indígenas e não indígenas (Souza & Orellana, 2013). Entre 2006 e início de 2021, o município de Tabatinga teve o total de 193 casos de suicídio indígena, incluindo residentes e moradores temporários. Esse valor abrange a municipalidade, as terras indígenas Umariçu I, Umariçu II e Belém do Solimões (Secretaria Municipal De Saúde De Tabatinga, 2021). Em meio a oscilações, nesse decorrer do tempo o menor número de casos anual foi em 2006 com 3 notificações, e o maior número se deu em 2013 com 23 casos (Brasil, 2018).

Pesquisas prévias como as de Souza (2016) e Lescano e Scartezini (2018) apontaram algumas explicações em múltiplos níveis a respeito do suicídio indígena, envolvendo não apenas a dimensão pessoal ou familiar, mas também a comunitária, os valores culturais e cosmologia das próprias culturas indígenas. Tais pesquisas apontam como grandes fatores que influenciam para o maior número de suicídio indígena: as regras de casamento existente na religião, o suicídio como



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

resultado de terceiros, por meio da feitiçaria e o desuso dos rituais indígenas nas novas gerações.

A cultura indígena possui regras de exogâmias linguística impostas ao casamento, ou seja, troca de parceiros de grupos distintos, onde a esposa ideal para um jovem é a irmã do seu cunhado, se essa lógica não for posta em prática dentro da cultura, prejudica tanto o casamento de seus outros irmãos quanto alianças políticas feitas entre os mais velhos. Além disso na etnia Karajá, com o casamento o marido deve se mudar para a aldeia da esposa e servir a família dela, causando muitas vezes um grande sofrimento a este homem, dessa forma com frequência encontramos o perfil suicida de um homem desajustado a vida de casado pela submissão de todas as obrigações a família de sua esposa

Também relacionado ao casamento indígena, Lescano e Scartezini (2018) em seu artigo trazem relatos dados pelo pajé curador Karajá, fornecido para pesquisa de Nunes (2017), onde um jovem que ao não se adaptar ao regime de casamento comete suicídio e um feiticeiro da mesma aldeia apodera-se do instrumento que este cometeu suicídio e lança um feitiço que recairia sobre pessoas com o mesmo perfil do rapaz, que alastra com uma potência assustadora. Em ambos os artigos, encontramos forte associação entre suicídio e o “Estrago” ou “Feitiço”, caracterizando assim o comportamento autodestrutivo como ação de terceiros sobre a vítima. Também há a ideia de que o suicídio por qualquer motivação que tenha havido, leva a “ida ao paraíso” ou resolução definitiva dos problemas. O artigo aborda que entre os indígenas Guaranis existe o curador benigno, que utiliza seu dom para benefício da comunidade e o maligno que utiliza seu conhecimento para fins particulares e encoberto. Dentre a sua cultura existe a ideia de bem viver e mal viver, o primeiro se trata de alguém que não foi amaldiçoado pelos pais, leva uma boa vida e possui comportamento saudável, já a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

segunda é uma pessoa amaldiçoada, que após o encanto e reza forte conhecida como Teko Royrõ, se encontra em sentimento de angústia, produzindo comportamentos estranhos, se sentindo infeliz com sua vida e gerando assim o sentimento de morte.

Assim como também consta na literatura os termos “suicídio solidário” e “suicídio por contágio” que designam o acontecimento de um suicídio após o outro, Lescano e Scartezini (2018) ressaltam que a proximidade temporal e espacial é perigosa pois o recente estágio de luto traz consigo memórias e sentimentos que põe em risco a vida de pessoas próximas a que cometeu suicídio. Em uma das entrevistas feitas por Souza (2016), um indígena relata a experiência de um jovem que bebia caxiri com seus amigos e ao entrar no mato para fazer suas necessidades, se deparou com três espíritos que tentavam por uma corda em seu pescoço, causando assim um desmaio na vítima, mesmo quase desmaiado o jovem não deixou que colocassem a corda em seu pescoço, com a chegada do pai que foi a procura dele os espíritos foram embora, ao contar o acontecimento, o jovem relatou que um dos espíritos era um amigo que havia cometido suicídio. E os outros dois jovens que já haviam morrido, sendo assim temos aqui a ideia de predação dos vivos pelos mortos.

Com base no estudo de Souza (2016), os indígenas fazem suas passagens de cada ciclo da vida por meio de rituais, onde introduzem e o preparam para próxima fase, o mundo adulto. Quando ocorre mudanças no corpo do jovem, esse é afastado de seu núcleo familiar e inicia o processo, sendo instruído por homens mais velhos sobre mitos e regras de sua cultura, no meio desse processo o indivíduo permanece em um limiar onde se encontra vulnerável, a doenças e ataques de outros seres, até que ele tenha fim. Sendo assim o ritual o torna pleno e o eleva ao mesmo status do restante do seu grupo. Dessa forma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

podemos correlacionar essa vulnerabilidade dos mais jovens ao suicídio, com o desuso dos rituais que simbolizam proteção em sua cultura.

Apesar disso, ainda são necessárias muitas respostas para explicar a elevada taxa de suicídio indígena em comparação com a do restante da população e, por outro lado, desenvolver estratégias para reverter esse quadro. Por meio de uma revisão sistemática, neste artigo temos o objetivo de identificar os fatores explicativos que colaboram para o alto índice de suicídio indígena.

Método

A revisão sistemática da literatura, como descrito por Rother (2007), busca por meio de passos claros e ordenados selecionar e analisar os materiais encontrados, para que assim possamos responder à questão inicial que precedeu a pesquisa e promover um diálogo reflexivo em torno dela. Dessa forma, a revisão sistemática viabiliza uma boa compreensão sobre o tema estipulado devido a sua abrangência ao explorar diversos materiais da área e seu rigor metodológico.

Esta revisão sistemática teve início com o uso da plataforma Bvs-Psi, que foi utilizada para a seleção dos descritores (terminologias) que trouxeram maior número de resultados e relevância quanto ao tema de maneira isolada, para que assim pudessem ser combinados e usados nas demais plataformas na etapa de seleção dos artigos. Os descritores que obtivemos maiores resultados foram “indígena”, “índio”, “suicídio”, “tentativa de suicídio” e “desejo de morte”.

Dado esse procedimento, demos início à combinação dos descritores nas plataformas Lilacs, Periódicos Capes, Scielo e Science, que somadas apresentaram 1.017 resultados iniciais. Nas combinações que obtiveram mais de 300 itens, empregamos o filtro “português”, “revisado por pares” e a partir de 2011 até a data atual. Após esse procedimento, os títulos e resumos dos artigos foram lidos minuciosamente para seleção dos textos que apresentassem



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

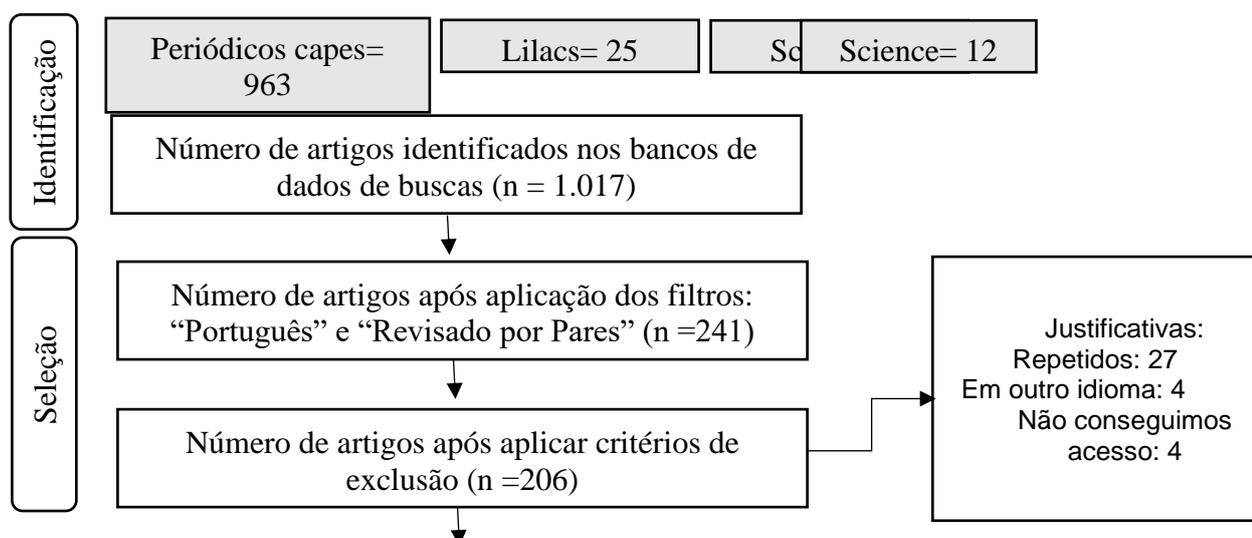
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

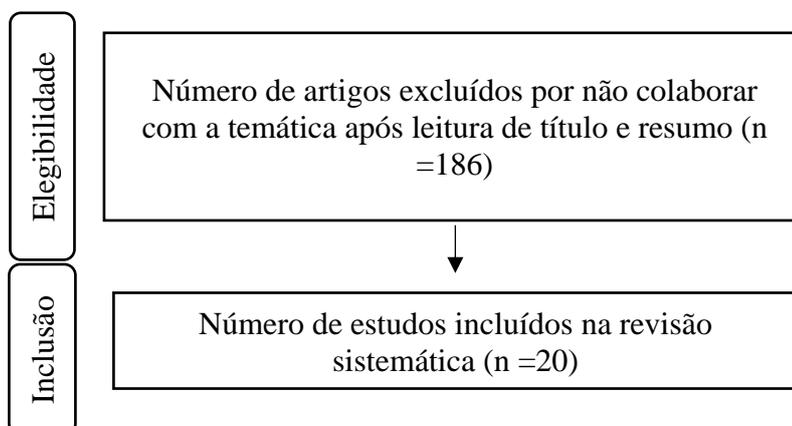
relevância, o que resultou em 20 artigos elegíveis para nosso propósito (Figura 1).

Como critérios para inclusão usamos trabalhos publicados e disponíveis na íntegra nas bases de dados científicas usadas e publicações que abordavam o tema suicídio indígena. Nos critérios de exclusão, consideramos trabalhos cujo idioma não era em português. Os demais critérios (revisado por pares e temporal) foram usados apenas em resultados que excedessem um número de 300 materiais encontrados, o que só ocorreu com uma combinação de descritores na plataforma Periódicos Capes. Feita a seleção dos artigos, realizamos a leitura na íntegra dos 20 textos selecionados. Apresentamos nos resultados alguns dados gerais que julgamos relevantes sobre os artigos: ano de publicação, autores, área da pesquisa, público, região onde o estudo foi realizado, palavras chaves, tipo de pesquisa e metodologia. Em seguida, categorizamos os textos em temáticas centrais e as discutimos.

Figura 1

Procedimentos utilizados para a revisão sistemática





Resultados e Discussão

Características Gerais dos Artigos

Com 20 artigos selecionados, foi possível perceber que além de pouco explorado o fenômeno tende a ser estudado em sua maioria por meio de dados quantitativos, o que apesar de trazerem informações de muita relevância não explora de uma maneira mais abrangente aspectos que o impactam diretamente, como aspectos da cultura local da população e suas relações sociais. Paralelamente a isso, temos a extensiva burocracia para realização de pesquisa com a população indígena, especialmente se tratando de temas como suicídio, o que torna trabalhoso aplicar metodologias que explorem a realidade indígena acessando tais pessoas por meio de questionários e entrevistas. Metodologia que com certeza traria maior riqueza aos estudos na área. Quanto às características mais gerais dos artigos utilizados, foram identificados que em sua maioria eram da área de Saúde Pública (n = 10) e em seguida, respectivamente, Psicologia (n=4), Antropologia (n=3), Saúde Coletiva (n=2) e Psiquiatria (n=1). Por tais quantitativos é possível entender por que os estudos possuem características mais epidemiológicas, visto que em sua maioria são publicados na área de Saúde Pública. Também é perceptível que nos estudos da área de Psicologia há a necessidade de um pensar diferente, é preciso além de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

focar nos aspectos sociais, pensar suas queixas individuais e investigar o modo de elaborar do indígena, com intuito de formular intervenções voltadas propriamente para sua realidade. As ferramentas psicológicas teórico-práticas utilizadas de maneira geral na sociedade ocidental, normalmente provenientes de produção científica do exterior, dificilmente são estudadas para que haja a adequação necessária que atenda com qualidade as demandas da população indígena (Batista & Zanello, 2016). Mais distante ainda está a criação de novas ferramentas voltadas a essa população, tanto em quesito de avaliação psicológica quanto em terapias, o que dificulta de maneira considerável acolher o sofrimento psicológico e identificar transtornos nessa minoria.

Também como metodologia mais utilizada temos o Estudo Descritivo (n= 11), em seguida Etnografia (n=2), Estudo ecológico transversal e exploratório (n=2), Revisão sistemática (n=1), Estudo de corte retrospectivo (n=1), Estudo analítico (n=1), Síntese de relatos etnográficos (n=1) e Análise documental (n=1). Como já dito anteriormente, o uso da metodologia de estudo descritivo e outros que utilizam dados secundários se faz mais presente por não precisar de burocracias para o acesso a informações quantitativas do fenômeno, talvez por esse motivo sendo a mais utilizada. O contato direto com os indígenas, por Etnografia, foi apenas minoria.

Aparentemente as publicações relacionadas ao suicídio indígena têm ganhado força mais recentemente, tendo seu maior número dentre os selecionados em 2019 (n=7) e 2020 (n=3), os demais se dividiram em 2018 (n=2), 2017 (n=1), 2016 (n=1), 2015 (n=1), 2014 (n=1), 2013 (n=2) e 2011 (n=2). Embora o fenômeno do suicídio indígena não seja atual, apenas recentemente vemos um pequeno aumento de produções no Brasil, o que podemos entender ser em função dessa temática estar ganhando cada vez mais destaque entre os pesquisadores.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Quanto às regiões que mais possuem estudos sobre o fenômeno, o Amazonas (n=5) teve mais estudos e em seguida Mato Grosso do sul (n=3), Roraima (n=2) e Pará (n=1). De maneira geral temos o Brasil (n=6), Equador (n=1), Rio Purus (n=1), Região Sul-Americana (n=1). Por se tratar da área com maior população indígena e com taxas altas de suicídio, era de se esperar que os estudos se centralizassem no Amazonas e nos estados da região Norte. Por outro lado, o Mato Grosso do Sul também apresenta um cenário crítico de suicídio indígena, ganhando notoriedade midiática crescente pelo conflito entre povos indígenas e latifundiários, apesar de não se poder estabelecer um nexo causal entre tais questões. Além disso, o suicídio indígena não ocorre de maneira igual em todas as regiões do país ou do continente Sul-Americano, demonstrando que cada povo indígena está numa condição diferente de territorialidade e de fatores protetivos que favorecem ou inibem o aumento das taxas de suicídio.

A seguir, abordaremos as categorias temáticas levantados nos 20 artigos selecionados para explicar o suicídio indígena, a saber: a) Proximidade com a cultura ocidental; b) Conflitos territoriais e as TI; c) Uso de álcool e outras substâncias; d) Qualidade de vida indígena; e) Expectativas de futuro melhor; f) Questões de gênero.

Proximidade com a Cultura Ocidental

Essa categoria elenca os artigos que trazem como uma problemática a proximidade da população indígena ao meio urbano e seu conseqüente contato com a cultura ocidental. Como afirmam em seu artigo Silva et al. (2019), a forte influência da cultura ocidental sob a população indígena, tem repercutido de maneira negativa no modo de ser e se reconhecer como indígena, em especial nas populações mais jovens, as quais por conseqüência acabam por abandonar alguns costumes de sua etnia e se envolver em atividades de risco como prostituição, alcoolismo e até mesmo suicídio. Dessa forma, a perda dos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

rituais e costumes indígenas é tida como resultado da desvalorização da própria cultura quando em contato com a do outro, dentro de um paradigma colonial há muito imposto sobre a cultura indígena.

Pensando nisso o trabalho realizado pelos autores citados acima (Silva et al., 2019) também foi pensado na perspectiva de oferecer serviços que dialoguem com a comunidade promovendo libertação, relatando assim a realização de uma atividade interventiva promovido pelo DSEI GUATOC junto a comunidade. Atividade feita por meio de uma oficina na qual foi organizado um teatro trazendo problemáticas vivenciadas por estes cotidianamente, dentre as quais foram escolhidas o abuso infantil, violência doméstica e uso de álcool e drogas. Quando apresentado para a população promoveu um lugar de reflexão e diálogo sobre possíveis medidas para combater essas situações, tendo em vista que influem de maneira direta sobre a saúde mental dos que a vivenciam. Posteriormente por relatos de agentes de saúde e lideranças indígenas obteve-se resultados positivos quanto a redução de situações deste tipo na comunidade, tal como também se apresentou como uma experiência rica pelos membros da comunidade.

Como citado no artigo de Grubits et al. (2011), com o intuito de identificar os fatores que mais interferem quanto ao suicídio, os autores apontam pesquisas realizadas no Chile que indicam seis fatores que seguem respectivamente sua ordem de importância: autoestima, gênero, impulsividade, coesão familiar, percepção de apoio social e idade. Consideram também que a imposição da cultura não indígena, em costumes, religião, modo de se vestir e se portar, tem o intuito de educar para fins específicos, em especial para as relações de trabalho, que acaba trazendo a necessidade dessas pessoas saírem dos seus costumes para se adequar aos nossos, visto que não são aceitas em seus próprios moldes. Dessa forma temos à desagregação, pois os



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

indígenas não estão preparados para adentrar a uma sociedade capitalista como a que vivemos.

Segundo Walter et al. (2019), que investigaram a situação de suicídio indígena em Roraima e citam pesquisas que apoiam a ideia de que o contato com o não indígena não só tem elevado o número de doenças como diabetes e hipertensão, como também tem causado doenças comportamentais, que mostram desequilíbrio das percepções e atitudes da população mediante esse cenário, como é o caso do alcoolismo e alto índice de suicídio. Essa perda da identidade cultural causa desorganização social e a necessidade de se adequar, visto que a cultura indígena tende a ser vista como inferior e primitiva, levando os indígenas a sofrerem invisibilidade, preconceito e bullying quando migram para os centros urbanos, situações essas que são uma “ameaça ao equilíbrio mental”.

Tanto o primeiro artigo quanto o segundo, citados neste tópico abordam a problemática da sociedade capitalista quando em contato a cultura indígena, que mediante uma situação de dominação do outro, mesmo aqueles orgulhosos de suas origens almejam por vezes fazer ou ter o que ao homem branco é ofertado, fazendo que não se reconheçam mais em sua cultura. Embora este ponto seja bastante citado quanto as explicações dadas ao suicídio indígena, Pechincha (2018) argumenta como o contato com o outro ao longo da história tem trazido a essas culturas instrumentos para a reprodução de sua sociedade, no sentido de que estas passam por transformações tal como as outras. Também pondera que não é possível considerar que a cultura indígena anteriormente fosse isenta de conflitos e crises, apenas mudando de uma para a outra. Assim surge a ideia de que é inconcebível considerar aculturação como um grande fator para o suicídio, apesar disso ressalta que nem todo contato se torna construtivo a essa sociedade, trazendo também afecções mórbidas dessa experimentação.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Conflitos Territoriais e as TI

Com atuais movimentações políticas para uso das terras indígenas em fazendas privadas, respaldado com a não conclusão do processo de demarcação destas, o governo passa a ter conflitos mais severos quanto aos direitos indígenas, o que mobilizou grande parte dessa população a participar de manifestações contra as medidas tomadas. A insegurança quanto a moradia e fontes de sustento, impacta diretamente na saúde da população indígena, visto que a agricultura tende a ser a sua principal fonte de renda. Staliano et al. (2019), descrevem a importância dos territórios para a população indígena como um lugar onde famílias extensas convivem, cultuam sua religiosidade, o sentimento de pertencimento, e estabelecem relações com a terra segundo suas crenças.

Ferreira et al. (2011) ressaltaram a existência de conflitos constante e por vezes violentos devido aos interesses do agronegócio que ameaçam a permanência dos indígenas em suas terras. Juntamente a isso existe a eminência de perda dessas terras a qualquer momento, o que fortalece a sensação de instabilidade, além das comunidades que já se confinam em terras que não suprem a população que ali vivem. As residências também preocupam pela falta de divisórias, ambiente pouco arejado e com excesso de pessoas por espaço, proporcionando maior risco de contaminações por doenças como a tuberculose, que afetam bastante a população e impactam na qualidade de vida dessas pessoas.

Podemos levar em consideração que uma serie de fatores expõem a população indígena a uma situação de vulnerabilidade, que pior se dá por estar sendo atacada por quem deveria defendê-la. Logo, se vê uma grande diferença entre o que é garantido pelo Estado e o que vem sendo efetivado. Sem terras, sustento e possibilidade de inserção no mercado de trabalho, não há como ter acúmulo de capital mínimo para uma vida estável. Dessa forma, como dito por Souza (2016), o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

suicídio deve ser visto também como fenômeno social onde a falta de um lugar seguro para moradia e produção de seu próprio sustento é tido como grande motivador para a o ato suicida.

Uso de Álcool e Outras Substâncias

O uso de álcool e drogas na comunidade foi tido na maioria dos artigos como gerador primordial de violência, desarticulador da unidade familiar e maior impulsionador do ato suicida. Embora muito problemática, conforme o artigo 58, III, da Lei 6.001/73 (Estatuto do Índio), é proibido propiciar aquisição e uso de bebidas alcoólicas para indígenas, visto que receberam uma imagem negativa quando associados ao uso de álcool, por causarem problemas de ordem pública. Essa lei mesmo que existente não é acatada, sendo comum ver indígenas comprar e consumir normalmente bebidas alcoólicas, especialmente na cidade. Paralelo a isso, a entrada de bebida alcoólica nas terras indígenas é estritamente proibida por ser considerada estopim para conflitos na comunidade.

Souza e Orellana (2013) analisaram as taxas ajustadas de mortalidade por suicídio (TAMS) no estado do Amazonas durante o período de 2006-2010 com intuito de comparar esses números entre a população indígena e não indígena. Como resultado da catalogação destes dados, foi possível a percepção de que a população indígena apresentava taxas 4,4 vezes maior de suicídio quando comparada a população não indígena, em especial no município de Tabatinga e São Gabriel da Cachoeira, onde foram consideradas como muito altas. Dentre os dias em que mais ocorreram suicídio, entre os não indígenas foram em dias de semana, enquanto em indígenas foram dias de fim de semana, levantando a possibilidade de que o ato esteja interligado a ingestão de bebidas alcoólicas, visto que são os dias em que normalmente são mais consumidas.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Souza e Ferreira (2014) utilizam em seu material o mito de Jurupari, para que assim pudesse ser trabalhado questões como a intencionalidade do ato nesse grupo, as concepções do que seria a morte e sua forte relação etiológica com o homicídio. Conforme o mito após um conflito na comunidade foi armada uma emboscada para destruir Jurupari (tido como ser sobrenatural) que era responsável por um processo de iniciação dos jovens, nesta tentativa foi planejado embebedá-lo com caxiri, para depois matá-lo. Entendendo o que lhe sucederia começou a desdenhar das pessoas envolvidas por sua tentativa sem êxito, afirmando haver apenas uma maneira de ser morto. Após bastante tempo bebendo caxiri, acabou por revelar que só poderia ser morto se ateadado na fogueira, quando ateadado a fogueira houvesse um grande estrondo de explosão, e de seu corpo saíram paixubas, das quais foram fabricadas as flautas sagradas, utilizada em rituais indígenas.

Diante da história retratada, muito é especulado se ao contar seu segredo Jurupari tinha a intenção de morrer ou ficou embriagado e por isso contou o que o levou a própria ruína. Assim a questão se faz em cima de quem matou Jurupari, as pessoas que o atearam a fogueira ou o próprio ao permitir que os demais tivessem essa informação? A intencionalidade do ato é discutida pondo em pauta o quanto a bebida alcoólica impactou nessa decisão, visto que sob o efeito de substância psicoativas temos nossa capacidade de julgamento comprometida, interferindo assim em nossas decisões. Além disso, como descrito pelos autores, o suicídio nesses casos é associado ao uso de álcool e conflitos familiares simultaneamente. Dessa forma se torna difícil mensurar a relação de bebidas alcoólicas ao ato suicida ao mesmo passo que não costuma ser eventual o uso de álcool entre pessoas que cometem o ato.

Nos artigos de Pechincha (2018) e Souza e Orellana (2013) foram encontradas a expressão “dar coragem” relacionada ao consumo de álcool, que o embriagar-se dava força aos sentimentos que levavam ao



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

suicídio e criava coragem para concretizá-lo. Ferreira et al. (2011) ressaltam que o álcool foi inserido nas comunidades indígenas como instrumento de dominação, causando um alto índice de dependência entre eles. Tal como explorado anteriormente, a aproximação com a cidade e sentimento de inferioridade também são fatores que influem para o alcoolismo.

Qualidade de Vida Indígena

Como aponta Ferreira et al. (2011), a população indígena possui grande desigualdade quanto a população não indígena em níveis de mortalidade por doenças. Doenças essas que expressam as condições precárias do lugar onde habitam, especialmente quanto a saneamento básico, estando entre as causas mais importantes a mortalidade por parasitas e doenças infecciosas. O aparecimento mesmo que menor de doenças crônicas e degenerativas, também alerta para mudança de hábitos. Concatenada a isto, as crianças são as mais atingidas dessa realidade, representando um número expressivo de desnutrição infantil e elevada taxa de mortalidade.

Souza (2019), em seu trabalho chama atenção para os números de suicídio infantil e levanta uma discussão sobre crianças possuírem ou não a noção de morte como algo irreversível. Junto a isso apresenta dados que mostram que a maior parte dos suicídios em crianças indígenas tem menor número de morte em ambiente hospitalar, fato que se mostra não só nas crianças, mas na população indígena no geral, o que segundo o autor pode refletir sobre a dificuldade de acesso dessa população a serviços de saúde. Além disso ter um familiar que já cometeu suicídio impacta bastante em possíveis tentativas em crianças, também é muito comum estas relatarem sofrer bullying na escola e violência domésticas em casa.

Quanto as mortes por doença na população indígena, em sua maioria se trata de casos que poderiam ser contornados com uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

assistência básica de saúde, o que mostra a deficiência dos serviços ofertados a essa população. Os principais problemas expostos são a falta de água tratada e ausência de coleta de lixo adequada, proporcionando o descarte incorreto. Como citado por Adsuara et al. (2019) e Gerstner et al. (2018), além da necessidade de uma maior abrangência e qualidade dos sistemas de saúde, a população carece de políticas públicas que atendam suas demandas, principalmente por comumente morarem em áreas rurais, sendo de difícil locomoção em casos de emergência, como é o caso das terras indígenas, que com os outros fatores prejudicam a qualidade de vida de maneira substancial.

Expectativas de Futuro Melhor

Segundo Grubits et al. (2011), os Guaranis possuem uma crença de educação que destoa bastante das nossas concepções na sociedade nacional. Para eles as crianças já nascem com “potenciais e qualidade”, não sendo necessário grandes esforços de moldá-las e corrigir para que cresçam bem-educadas moralmente. Bastando assim dar seguimento ao ciclo normal de crescimento delas, respeitando a vontade infantil sem grandes interferências adultas.

Atualmente a principal maneira de alcançar ascensão econômica e social é por meio dos estudos. Apesar de alguns lugares possuírem ensino fundamental e médio específico para a população indígena e dentro de suas terras, para ter acesso a uma melhor qualidade de ensino e dar prosseguimento nos estudos de nível superior é necessário a locação para os centros urbanos, que muitas vezes demanda grande esforço e ter condições econômicas para custear transporte ou moradia, o que nem sempre é a realidade. Nas famílias indígenas também é muito comum que os filhos cresçam ajudando os pais em suas atividade e sustento da casa, o que diverge de uma rotina que prioriza os estudos, especialmente quando muito distante da sua comunidade.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Como explorado por Silva et al. (2019), a população indígena vê a criação de escolas indígenas como instrumento a proporcionar o mantimento da cultura por meio da sua transmissão, mesmo com os empecilhos da vida moderna, como o celular, que tira atenção das crianças mais novas. Porém para se inserir no ensino superior e prestar concursos, são exigidos conhecimentos profundos dos elementos da nossa cultura para alcançar um bom desempenho, e não da cultura deles. O que dificulta imensamente a Ascensão socioeconômica da população indígena.

Concatenado a isso é muito comum quando tentam ocupar espaços fora de sua comunidade, com os não indígenas, sofrerem bullying e não serem bem-vistos. Assim vemos que mesmo com a possibilidade de cotas, há um abismo de distância entre as vantagens de um não indígena para um indígena. Como Braga et al. (2020) descreveram, esses fatores influem muito na mudança de realidade dessas pessoas e o suicídio tende a ter maior ocorrência em pessoas com baixo grau escolar. O CIMI (2013, p. 79 citado por Rangel, 2019, p.29) postulou: “Não tem futuro, não tem respeito, não tem trabalho e nem terra para plantar e viver. Escolhem morrer porque, na verdade, já estão mortos por dentro”.

Questões de Gênero

Com base nos estudos de Gerstner et al. (2018) sobre a mortalidade por suicídio no Equador em Jovens e Adolescentes, a mortalidade por suicídio entre o sexo masculino é superior ao feminino, embora as tentativas e ideações venham mais do sexo feminino. O artigo atribui o suicídio dos povos indígenas a alienação da própria cultura, isolamento, aceitação do ato em seu grupo, desigualdades sociais, uso de álcool e problemas da ordem da saúde mental, não tratados. Os autores ressaltam que até os anos 1990 o Equador era um dos poucos países onde o número de suicídio era maior entre as mulheres, a partir



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de 2006 com as mudanças que ocorreram no país as taxas passaram a ser maiores no sexo masculino.

Os métodos comumente mais utilizados são respectivamente enforcamento e envenenamento com pesticidas entre homens e envenenamento e enforcamento em mulheres. Atribui-se também os métodos mais rápidos e letais como uso de armas, enforcamento e saltos de lugares altos ao sexo masculino, enquanto o feminino tende a optar por métodos lentos como uso de medicação e pesticidas, resultando em mais oportunidades de serem salvas. O autor também salienta que em outras obras a restrição da compra de pesticidas e outros produtos químicos danosos tem sido estudado como medidas bastante efetivas no combate ao suicídio. Além da implantação de atividades ocupacionais em centros educacionais e maior investimento em atendimentos psicológicos e psiquiátricos que poderiam ocasionar grandes diferenças nesse cenário.

Braga et al. (2020) ao contrário da grande parte dos outros estudos, em sua pesquisa epidemiológica realizada no Pará com 144 municípios durante o período de 2010 a 2015, indicaram predominância do sexo masculino nas taxas de suicídio da população não indígena e sexo feminino para os indígenas, apesar de as taxas padronizadas apresentarem bastante semelhança nos dois grupos. E descrevem que o comportamento suicida no sexo masculino é muito associado as relações de competitividade, maior agressividade e dificuldade em relevar problemas socioeconômicos. O sexo feminino apresentou maiores vínculos e crenças religiosas, menor dependência e vícios, também ao sentir sinais de adoecimento mental é menos resistente a procurar ajuda, sendo assim considerados fatores protetivos importantes. Os autores concordam também com Gerstner et al. (2018), que o sexo masculino tende a usar métodos mais letais quando comparado ao feminino.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Palma, Santos e Ignotti (2020), buscaram analisar o padrão espacial das taxas de mortalidade por suicídio durante o período de 1990 a 2015, ressaltam que em países desenvolvidos o suicídio entre homens costuma ser três vezes maior do que entre mulheres, enquanto em países em desenvolvimento essa diferença cai para metade. Também concordam com associações de gêneros que afetam a relação com suicídio de cada grupo, acrescentando que entre os homens também podem interferir o divórcio, estar passando por situação de alienação parental, função da testosterona e maior prevalência de alcoolismo. Em seus resultados destacam questões sobre suicídio em idosos que veio crescendo durante esse período no Nordeste, muito vinculado a doenças incapacitantes que causam sofrimentos mentais e o abandono, além disso entre os idosos que se suicidam em sua maioria são homens.

Conclusão

Com base nos estudos revisados, ainda que cada um deles tenha trabalhado com amostras específicas, impossibilitando comparações fidedignas, foi possível perceber que mesmo com a existência de inúmeras hipóteses causais relacionadas ao fenômeno do suicídio indígena, pouco vem sendo feito a fim de reverter esse quadro. De maneira geral, essa população vem enfrentando uma nova realidade no contato com a nossa sociedade, a qual oferta a ela o vislumbre de novas possibilidades de estilo e qualidade de vida, porém não acolhe o ser indígena como apto a participar dela, tanto se tratando da visão preconceituosa da população, de que o indígena é um ser primitivo e deve permanecer nesse patamar, quanto da falta de ações afirmativas que de fato possam o acolher de maneira justa, levando em conta sua cultura de origem.

Diante de um cenário onde a rejeição e exclusão dessa população se faz clara, a frustração em pertencer a esse grupo, juntamente com as correlações elencadas anteriormente, pode ser considerado como



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

principal fator para comportamento suicida. Também devemos ponderar, que o campo de pesquisa sobre o tema atualmente, se caracteriza em sua maioria por revisões bibliográficas e pesquisas epidemiológicas com dados secundários, que apesar de fornecer uma boa contribuição, não acessa a população em que ocorre o fenômeno de maneira direta, onde possam os próprios expressarem suas angústias e opiniões sobre o fenômeno. Grande parte disso podemos atribuir a extensiva e maçante burocracia existente tanto de órgãos indigenistas quanto do comitê de ética para realização dessas pesquisas, ocultando assim uma parte essencial para uma compreensão diferencial.

Com base no trabalho executado e as considerações feitas a respeito dele, pode-se pensar novos enfoques sobre o fenômeno de maneira mais abrangente, como uma pesquisa de campo com base na fala de parentes e amigos próximos sobre o que levou ao suicídio de determinado indígena e a exploração do ambiente de maneira mais participativa para uma compreensão integral dos elementos considerados de risco e protetivos nessa população. Além disso dar ênfase nas questões cosmológicas do grupo. Sabemos que para isso o cenário em relação a pesquisa com indígenas teria que ser mais flexível, apesar de ter como intuito a proteção dos mesmos, há de se pensar que dessa forma é possível identificar e atender as necessidades dessa população. Proporcionando intervenção adequada e a possibilidade de um ambiente mais saudável e harmonioso, onde os indígenas deem continuidade a sua cultura e possam escolher o caminho que desejam trilhar.

Referências

Adsuara, C. H. C., Araújo, G. H. M., & Oliveira, P. T. R. (2019). Nas fronteiras dos impactos expansionistas do capital sobre a saúde dos povos indígenas no Brasil: questões para a compreensão do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

suicídio. *Saúde em Redes*, 5(2), 325-338.

<https://doi.org/10.18310/2446-4813.2019v5n2p325-338>

- Aparicio, M. (2015). As metamorfoses dos humanos em presas do timbó. Os Suruwaha e a morte por envenenamento. *Revista de Antropologia*, 58(2), 314-344. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108576>
- Batista, M. Q., & Zanello, V. (2016). Saúde mental em contextos indígenas: escassez de pesquisas brasileiras, invisibilidade das diferenças. *Estudos de psicologia (Natal)*, 21(4), 403-414. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160039>
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*, 2(1), 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>
- Braga, C. M. R. Nogueira, L. M. V., Trindade, L. N. M., Rodrigues, I. L. A., André, S. R., Silva, I. F. S., & Paiva, B. L. (2021). Suicídio na população indígena e não indígena: uma contribuição para a gestão em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(supl. 1), e20200186. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0186>
- Brasil. (2018). *Agenda estratégica de ações de prevenção do suicídio em populações indígenas 2017 – 2018*. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Estrategia_Prevencao_Suicidio_Povos_Indigenas.pdf
- Cohn, C. (2001). Culturas em transformação: os índios e a civilização. *São Paulo em perspectiva*, 15(2), 36-42, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000200006>
- Coimbra Jr., C. E. A., & Santos, R. V. (2000). Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 125-132. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100011>
- Conselho Indigenista Missionário. (2016). *Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2016*. CIMI. <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/relatorio-2016/>
- Conselho Indigenista Missionário. (2019). *Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2019*. CIMI. <https://cimi.org.br/2020/09/em-2019-terras-indigenas-invadidas-modo-ostensivo-brasil/>
- Erthal, R. M. C. (1998). *O suicídio Ticuna na região do Alto Solimões-AM* [Tese de Doutorado]. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4396>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Ferreira, M. E. V., Matsuo, T., & Souza, R. K. T. (2011). Aspectos demográficos e mortalidade de populações indígenas do Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(12), 2327-2339. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011001200005>
- Gerstner, R. M. F., Soriano, I., Sanhueza, A., Caffé, S., & Kestel, D. (2018). Epidemiología del suicidio en adolescentes y jóvenes en Ecuador. *Revista Panamericana de salud pública*, 42, e100. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.100>
- Grubits, S., Freire, H. B. G., Noriega, J. A. V. (2011). Suicídios de jovens Guarani/Kaiowá de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 504-517. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300006>
- Lescano, C. P., & Scartezini, S. S. (2018). Encantos, simpatias e feitiços: reflexões sobre os casos de suicídio entre os Guarani Kaiowá e Karajá. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, 5(2), 37-53. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/241407>
- Matta, G. C. et al. (2021). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>
- Oliveira, C. L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias*, 2(3), 1-16. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>
- Orellana, J. D. Y., Basta, P. C., & Souza, M. L. P. (2013). Mortalidade por suicídio: um enfoque em municípios com alta proporção de população autodeclarada indígena no Estado do Amazonas, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 16(3), 658-669. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000300010>
- Orellana, J. D. Y., Souza, C. C., Souza, M. L. P. (2019). Suicídios ignorados de indígenas de la Amazonia brasileña: sexo, alcohol y vínculo parental. *Revista colombiana de psiquiatria*, 48(3), 133-139. <https://doi.org/10.1016/j.rcpeng.2017.12.011>
- Palma, D. C. A., Santos, E. S., & Ignotti, E. (2020). Análise dos padrões espaciais e caracterização dos suicídios no Brasil entre 1990 e 2015. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), e00092819. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00092819>
- Pechincha, M. (2018). Aportes da etnografia sul-americanista ao entendimento dos suicídios indígenas: uma tentativa de síntese a partir de noções divergentes de “psique”/“alma”. *Anuário antropológico*, 43(1), 223-256. <https://doi.org/10.4000/aa.2965>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Rangel, L. H. (2019). Violência autoinfligida: jovens indígenas e os enigmas do suicídio. *DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud*, 25, 27-38. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822019000400003
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta paulista de enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Santana, T. H., Silva, W. L., & Negrini, L. (2018). A inserção do psicólogo na saúde mental indígena. *Simpósio de Produções Acadêmicas em Psicologia do Univag*, 1, 1-17. <https://www.periodicos.univag.com.br/index.php/psicologia/article/view/570>
- Secretaria Municipal de Saúde de Tabatinga. (2021). Dados epidemiológicos. [dados não publicados]
- Silva, D. L., Palha Jr., A. P., & Feitosa, M. Z. S. (2019). Juventude indígena e suicídio: diálogos transdisciplinares, campos de possibilidades e superação de vulnerabilidades. *Revista Psicologia Política*, 19(46), 556-569. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300013
- Souza, M. L. P. (2016). Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos. *Saúde e Sociedade*, 25(1), 145-159. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145974>
- Souza, M. L. P. (2019). Mortalidade por suicídio entre crianças indígenas no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(supl. 3), e00019219. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00019219>
- Souza, M. L. P., & Ferreira, L. O. (2014). Jurupari se suicidou? Notas para investigação do suicídio no contexto indígena. *Saúde e Sociedade*, 23(3), 1064-1076. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000300026>
- Souza, M. L. P., & Onety, R. T. S. (2017). Caracterização da mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas em Roraima, Brasil, 2009-2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26(4), 887-893. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000400019>
- Souza, M. L. P., & Orellana, J. D. Y. (2013). Desigualdades na mortalidade por suicídio entre indígenas e não indígenas no estado do Amazonas, Brasil. *Jornal brasileiro de psiquiatria*, 62(4), 245-252. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000400001>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Souza, R. S. B., Oliveira, J. C., Alvares-Teodoro, J., & Teodoro, M. L. M. (2020). Suicídio e povos indígenas brasileiros: revisão sistemática. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 44(3), e58. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.58>

Staliano, P., Mondardo, M. L., & Lopes, R. C. (2019). Onde e como se suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: confinamento, jejuvy e tekoha. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(spe), e221674. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221674>

Walter, P. A. L., Maia, R. K. S., Souza, W. S. S., & Oliveira-Borges, E. C. (2019). Os óbitos por suicídio em Roraima (2006-2015): a juventude e a etnia como fatores de risco? *Revista Geográfica Acadêmica*, 13(1), 128-137. <https://revista.ufr.br/rga/article/view/5594>

Recebido: 03.01.2023

Aceito: 30.01.2023

Publicado:

01.07.2023

Autores

Gercy de Lima Costa (FAPSI)

gercy.limacosta@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1434-0711>

Marcelo Calegare (PPGPSI-UFAM)

mcalegare@ufam.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-6814-5300>

Instituição e correspondência

Universidade Federal do Amazonas

Av. General Rodrigo Octávio, Campus Universitário, Setor Sul, Faculdade de Psicologia, Coroadó I, Manaus-AM, CEP 69080-900, (92)3305-1181 ramal 2583.